

**SOCIOSSEMIÓTICA E LITERATURA MARGINAL:  
COMPLEXOS IDEOLÓGICOS  
E SISTEMAS LOGONÔMICOS EM *CAPÃO PECADO***

Orlando VIAN JR. (Depto. Lingüística/PUC-SP)

[vianjr@osite.com.br](mailto:vianjr@osite.com.br)

Paulo BALESTRA, Nelma Teresinha CASTILHO,  
Aline RAMOS, Maria Cristina de SOUZA (Letras/PUC-SP)

*ABSTRACT: This paper aims at analysing, based on a previous study (Vian Jr. et alii, 2003), ideological complexes and logonomic systems (Hodge & Kress, 1988), as a means of understanding social-historical elements guiding lexical choices in Capão Pecado, by Ferréz, portraying life in the outskirts of São Paulo.*

*KEYWORDS: Capão Pecado; Critical Discourse Analysis; Social Semiotics.*

## 0. Introdução

O presente trabalho parte de estudo anterior (Vian Jr. et alii, 2002) no qual se utilizou a Análise Crítica do Discurso (doravante ACD – Fairclough, 1989, 1992, 1995, 2001; Pedro, 1997) para compreensão de alguns aspectos da desigualdade social materializada lingüisticamente – principalmente através do léxico relativo ao crime, às drogas e os topônimos e antropônimos – em *Capão Pecado*, de Ferréz, que retrata a vida em Capão Redondo, na periferia de São Paulo.

Neste artigo, levando-se em consideração os preceitos teóricos e analíticos da ACD desenvolvidos anteriormente, ampliamos a análise de questões ideológicas, associadas aos conceitos da sociossemiótica (Hodge & Kress, 1988), principalmente no que diz respeito aos complexos ideológicos e aos sistemas logonômicos, como forma de compreender os elementos sócio-históricos que governam as escolhas lexicais através dos signos verbais e não-verbais contidos no livro, principalmente na dedicatória, no prefácio, na introdução a cada uma das partes do livro e aos dois conjuntos de fotos inseridos no livro.

## 1. Fundamentação teórica

O objeto de estudo da ACD são textos produzidos nos mais diversos domínios da vida sociocultural que neles circulam regularmente e, conseqüentemente, os discursos produzidos em cada esfera da atividade social trazem marcas desse contexto, daí o fato de a proposta tridimensional de Fairclough (1992, 2001; Pedro, 1997) envolver a análise da (a) **prática social**, que, conforme proposto por Fairclough (1992, 2001) analisam-se a matriz social do discurso, as ordens do discurso e os efeitos ideológicos e políticos do discurso; da (b) **prática**

**discursiva**, para a qual são analisados a interdiscursividade, as cadeias intertextuais, a coerência, as condições da prática discursiva e a intertextualidade manifesta e, por fim, a (c) **dimensão textual**, para a qual o autor propõe a análise do controle interacional, da coesão, da polidez, do ethos, do significado das palavras, da criação de palavras e da metáfora, além da gramática, na qual três sistemas são analisados: transitividade, tema e modalidade. Ao adotarmos essa perspectiva, devemos, obrigatoriamente, considerar questões ideológicas e hegemônicas, pois não há linguagem desprovida de ideologia.

A sociossemiótica, por seu turno, preocupa-se primariamente com a semiose humana como sendo um fenômeno inerentemente social em suas fontes, funções, contextos e efeitos. Preocupa-se, também, com os significados sociais construídos através da totalidade das formas semióticas, através de textos e práticas semióticas, em todos os tipos de sociedade humana em todos os períodos da história (Hodge & Kress, 1988:261).

Diferentes sistemas de representação trazem inerentes **complexos ideológicos** (Hodge & Kress, 1988:3), entendidos como o “conjunto de versões contraditórias do mundo, coercitivamente impostas por um grupo social sobre outro em razão de seus próprios interesses distintivos ou subversivamente oferecida por outro grupo social na tentativa de resistir a seus interesses. Um complexo ideológico existe para sustentar relações tanto de poder quanto de solidariedade e representa a ordem social como simultaneamente servindo aos interesses do dominante e do dominado<sup>1</sup>”.

Os autores apontam como componentes do complexo ideológico os modelos acionais (classificações dos tipos de agentes sociais, ação, objetos, etc.) e os modelos relacionais (especificações do comportamento requerido, permitido ou proibido a determinados agentes sociais).

Como estamos preocupados com as condições de produção e recepção dos textos no meio em que são produzidos, outro conceito importante é o de **sistêmica logonômico** – de *logo*, pensamento ou sistema de pensamento e *nomos*, controle –, entendido como um conjunto de regras que prescrevem a condição de produção e recepção de significados; especificam quem pode iniciar (produzir, comunicar) ou conhecer (receber, entender) significados sobre quais tópicos sob quais circunstâncias e com quais modalidades (como, quando, por que); é um conjunto de mensagens, parte de um complexo ideológico que, por sua vez, é um conjunto funcionalmente relacionado de visões contraditórias do mundo (Hodge & Kress, 1988:4).

Os textos, dessa forma, são construtos multimodais dos quais a escrita é apenas um dos modos de representação da mensagem, que é, por sua vez, culturalmente determinada e constantemente redefinida dentro dos grupos sociais nos quais significa. A língua, a partir dessa perspectiva, é vista como parte de um contexto social, e não pode ser considerada senão em conjunto com outros sistemas de representação.

Partindo-se de uma perspectiva analítica sociossemiótica, assim, analisam-se os signos verbais e não-verbais dentro de um determinado contexto e/ou

---

<sup>1</sup> Este, e os demais trechos retirados de *Social Semiotics* (Hodge & Kress, 1988) foram traduzidos por Orlando Vian Jr.. As falhas decorrentes, portanto, são de sua responsabilidade.

segundo uma determinada ideologia e lhes atribui uma significação compatível e de acordo com os valores da sociedade que os utiliza, do grupo social que os origina, da ocasião e frequência em que são utilizados.

A perspectiva analítica estará centrada não apenas na relação entre signo, significante e significado, mas também na mensagem, no texto, no discurso, na ideologia e na modalidade neles contidos, até que se tenha a visão de uma linguagem inserida em um contexto de situação que está, por sua vez, inserido em um contexto de cultura. A sociossemiótica não vê o texto apenas como um conjunto de signos, mas como uma unidade semântica, o resultado de um produto (o signo) que passou por um processo (lingüístico ou não) para que pudesse se tornar o que é.

Nossa proposta, dessa forma, é utilizar esse instrumental para ampliar a análise de prática discursiva dentro da perspectiva tridimensional de Fairclough (1989, 1992, 1995), focando, como já mencionado, nos elementos extra (fotos) e pré-textuais (agradecimentos, dedicatórias, prefácio, introdução das partes).

## 2. Objeto de estudo e metodologia de análise

Este trabalho foi realizado em conjunto com alunos do curso de Letras da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, no segundo semestre de 2002, como parte da disciplina “Estudos dos sistemas de representação”. O programa da disciplina tinha como objetivo central “enfocar a temática da significação a partir das principais teorias sociossemióticas, fornecendo subsídios para análise das diversas concepções de linguagem em diferentes tipos de texto”.

Foram apresentados aos alunos diferentes sistemas abordando o tema desigualdade social: filmes, músicas, poesias, fotos e livros de forma que servissem como base para análise e para aplicação dos conceitos sociossemióticos desenvolvidos, principalmente a partir de Hodge & Kress (1988). Dentre essas opções, *Capão Pecado* (doravante CP), de autoria de Ferréz, que narra o cotidiano de Rael, morador do bairro de Capão Redondo, na Zona Sul de São Paulo, foi selecionado para o trabalho em sala.

Com base nessa escolha, desenvolveram-se simultaneamente a leitura de capítulos selecionados de Hodge & Kress (1988), além de bibliografia complementar, e a leitura de CP. Os itens apresentados a seguir são originários dos trabalhos apresentados pelos alunos no final do curso.

### (a) *Complexos ideológicos*

Os complexos ideológicos (Hodge & Kress, 1988) em CP são fortemente marcados desde a dedicatória do livro, sempre mostrando as diferenças sociais entre a cidade e sua periferia marginalizada e excluída. O autor especifica, já na dedicatória, os modelos relacionais aos possíveis leitores, utilizando-se de signos sociais para incutir sua marca ideológica, como mostra o trecho a seguir:

*Este livro é dedicado também a todas as pessoas que não tiveram sequer uma chance real de ter uma vida digna; que não puderam ser cidadãos, pois lhe impediram de ter direitos, mas lhe foram cobrados de-*

*veres. Àqueles que foram maltratados física e psicologicamente pela nossa “bem informada polícia brasileira”, àqueles que não foram alfabetizados e, portanto, não poderão ler esta obra, àqueles que, num momento de dor, se deram conta de que estão sozinhos e que o Estado é bem pago, mas não cumpre suas obrigações. Àqueles que padeceram num leito de hospital por não ter o dinheiro suficiente para serem tratados como seres humanos, àqueles que foram baleados e esfaqueados pelos próprios manos de pobreza; àqueles que sucumbiram à vontade de ter algo melhor, pois estavam cansados de viver na monotonia, e resolveram assim ter aquilo que a mídia clicou em suas mentes desde pequenos. Embora minha profissão para essas pessoas não tenha o menor sentido, este livro é também dedicado a elas.*

Esta dedicatória é a representação de um conflito ideológico entre classes sociais, que permeará todo o livro, pois o autor inicia o parágrafo com a frase:

*Este livro é dedicado **também** a todas as pessoas ....*

Pressupõe-se que ele o dedique a outras pessoas, mas também aos excluídos socialmente, pois o autor desenvolve o parágrafo acima partindo dessa pressuposição e vai restringindo, afunilando, espremendo, sufocando, angustiando, sucumbindo com palavras os sentimentos e conhecimentos dos leitores, ao mesmo tempo em que crítica de forma ferrenha todo um sistema imposto, o qual elegeu uma minoria de privilegiados a galgar uma vida digna e justa. No final do parágrafo verifica-se: “*Embora minha profissão para essas pessoas não tenha o menor sentido, este livro é também dedicado a elas*”. Com isto, coloca em segundo plano da dedicatória seus cerceadores, como meio de expor sua indignação, bem como sua posição (Ferréz, 2000:13).

Em outra página introdutória, Ferréz basicamente usa uma gradação às avessas, um argumento de reforço para sua dedicatória, partindo de um ponto e vai, novamente, restringindo, afunilando, espremendo, sufocando, angustiando, sucumbindo:

*Universo  
Galáxias  
via-láctea  
Sistema solar  
Planeta Terra  
Continente Americano  
América do Sul  
Brasil  
São Paulo  
Zona Sul  
Santo Amaro  
Capão Redondo*

*Bem- vindos ao fundo do mundo*

Este tipo de formação discursiva pode ser considerada como uma estratégia ideológica do autor, que por meio da escolha dos vocábulos, da construção do discurso e sua produção de sentidos, apresenta a sua visão de mundo, pertencente a uma determinada classe social (dominada), em relação à classe dominante.

(b) *Sistemas logonômicos*

Ao considerarmos os sistemas logonômicos (Hodge & Kress, 1988) em CP, as regras de produção e recepção são estabelecidas desde a primeira dedicatória (p. 9), feita a Marcos Roberto de Almeida, um ‘amigo ausente’, para quem o autor afirma que

*Queria te dar um livro, mas como não posso, o dedico a você.*

Uma das possíveis inferências que podemos fazer a partir dessa dedicatória é que esse amigo não está mais presente por causa da violência, pois, após o nome completo do amigo, há sua data de nascimento (25.7.1975) e falecimento (22.8.1999) o que sugere a morte de uma pessoa jovem supostamente pela violência, embora isso não seja explicitado.

O prefácio também pretende mostrar a existência de uma desigualdade social que serve para sustentar relações de poder e solidariedade e que representam uma ordem social que serve simultaneamente aos interesses de dominantes e dominados, como mostram os exemplos abaixo retirados da página 16 do prefácio:

*É muito raro um favelado parar para ver as estrelas numa grande e farta cidade que só lhe entrega cada dia mais a miséria, mas é a sua cidade. Uma metrópole definidora de destinos cruzados, inutilmente ligados pela humildade e carinho que os cercam.*

[...]

*Os mesmo Brasil que gera cada vez mais miseráveis, que gera um pequeno que é retirado pelas mãos asseadas e carinhosas de um médico como se o retirasse de um casulo, e o traz à vida dando-lhe um tapinha nas nádegas, para progredir com justiça e igualdade com outros garotos na frágil linha da vida. Uma vida que o pequeno futuramente pensará que é sua, mas não é, pois seu futuro é incerto e ameaçado pelo fantasma da injustiça social [...].*

As regras logonômicas são ensinadas e controladas pelos agentes sociais concretos – pais, professores, empregadores. Visíveis em regras de polidez, etiqueta, relações industriais, legislação, etc.

Tendo em vista que os sistemas logonômicos são aqueles que prescrevem os comportamentos sociosemióticos em pontos de produção e recepção, podemos distinguir, dessa forma, entre **regimes de produção** e **regimes de recepção**.

Assim, podemos dizer que o autor utiliza-se desse sistema, isto é, escolhe palavras para descrever uma sociedade falida de princípios éticos, com um tom claro de crítica, ao mesmo tempo que infere que as pessoas residentes neste bairro são pobres, excluídas, sofridas, marginalizadas, manipuladas, mas acima

de tudo são pessoas que clamam por um pouco de interesse político, no sentido de diminuir esta desigualdade social, combater o preconceito, dirigir a atenção para a educação, assim sua situação social seria melhor, porque nem todos que sobrevivem em um contexto violento tanto físico como psicológico como este são ou se tornaram bandidos, nem todos são maus e não têm como meta a vida desregrada, como é o caso de Rael, protagonista da história.

O discurso é ideologicamente marcado em todo o livro, o que é imediatamente verificado pelo uso que o autor faz da norma culta, da linguagem coloquial e de gírias. É uma construção intencional para demarcar um conflito entre os grandes (representado pela norma culta), os pequenos (representado pela linguagem coloquial) e os do gueto, da resistência (representado pelas gírias, como forma de preservação e identidade), os quais vivem no fundo do mundo, mais ainda possuem força, coragem e através deste livro, encontraram uma forma para gritar contra o 'sistema' (Ferréz, 2000:19):

*“Querido Sistema”, você pode até não ler,  
mas tudo bem, pelo menos viu a capa.*

Como o foco são os sistemas ideológicos, não apresentaremos detalhes das escolhas lexicais relativas ao uso da norma culta, da linguagem coloquial e de gírias, pois este aspecto foi abordado anteriormente em Vian Jr. et alii (2003).

*(c) Multimodalidade: as fotos*

A escrita é apenas um dos modos de representação do texto, que é um construto multimodal (Hodge & Kress, 1988), e, em CP, além do texto escrito narrando a história de Rael, há diversas fotos entrepostas no livro. Por uma limitação de espaço, neste artigo apresentaremos apenas uma descrição das fotos, uma vez que não é possível a sua reprodução.

Na página 5, há uma foto do autor do livro e contém, além dela, dois conjuntos de fotos, sendo o primeiro, entre as páginas 80 e 81, colorido e o segundo, entre as páginas 120 e 121, em preto e branco (branco e preto...).

O primeiro conjunto de fotos, por ser colorido, parece ter por objetivo aproximar o leitor do mundo marginalizado das favelas, com imagens mais claras e representativas do cotidiano de tal local. Na primeira foto, temos uma visão geral do Capão Redondo com certa proximidade. A segunda foto mostra a mesma imagem da primeira, porém de uma distância maior. Em seguida, vemos a foto que mostra algumas das casas da favela e uma quadra em foco.

Essa seqüência de fotos parece deixar clara a intenção que o autor teve quando escreveu o livro: aproximar o leitor de uma realidade que este provavelmente não conheça, mas ao mesmo tempo deixando claro que essa proximidade não é assim tão grande, uma vez que as pessoas com suficiente poder aquisitivo para comprar o livro (que custa em torno de R\$ 20,00) pertencem, no mínimo, à classe média e, portanto, estão longe de saber, realmente, o que é a vida em um lugar como o Capão Redondo. No entanto, já que o local já foi apresentado, com a terceira foto o autor pôde mostrar toda sua dimensão, mas focando em uma área específica.

A tentativa de aproximar o leitor do universo narrado através das fotos aciona os modelos accionais e os modelos relacionais (Hodge & Kress, 1988), classificando os agentes sociais e os comportamentos a eles requeridos e/ou permitidos. As imagens prescrevem a condição de recepção dos significados, para que o leitor tenha reforçado através das fotos o que é narrado no modo escrito.

A terceira foto já busca inserir o leitor no aspecto das relações inter-humanas da história (uma vez que o contexto geral já fora apresentado), enfatizando o comportamento permitido (modelo relacional). Vemos alguns homens usando camisetas azuis com as inscrições “+ 1 da Sul” (nesta foto as inscrições não aparecem tão claramente, mas se pode dizer que é isso o que está escrito a julgar pelas fotos que se seguem). Não vemos esses homens como figuras agradáveis, e é essa a primeira impressão que o leitor tem ao ler as primeiras páginas do livro: as personagens não parecem pessoas boas, e sim apenas marginais.

A foto que se segue a essa, no entanto, é bastante contrastante, pois mostra um homem comum, um simples trabalhador, que sai da periferia para o trabalho. Esse contraste também é feito por Ferréz quando ele apresenta Dona Maria, mãe de Rael (protagonista da história), que também deixava o Capão para ir trabalhar no Centro, em bairros mais abastados. Esses detalhes são os que, de fato, humanizam a história.

A foto seguinte, que ocupa duas páginas, parece ser uma representação geral do livro, pois ela também é a representação da tragédia clássica: estética perfeita (note-se que o objeto fotografado está absolutamente no centro e as cores, embora não muito diversas, são bem definidas) e conteúdo trágico (o que vemos é a imagem do descaso, da sujeira e da destruição da infância, pois vemos o pedaço de uma boneca ao lado de fios e pontas de cigarro). Nesse aspecto, o livro é impecável: fiel (na questão da linguagem) ao que visa mostrar e tem conteúdo tragicamente real.

Depois, ocupando mais duas páginas, vemos mais alguns supostos moradores do bairro. Aqui nós os vemos, novamente, com camisetas “+1 da Sul”, mas eles já se mostram de forma mais “amigável”, de frente para o ângulo do fotógrafo, alguns sorrindo. Isso demonstra a mudança das sensações do leitor em relação aos habitantes desta periferia com o transcorrer da história. As personagens que, inicialmente, pareciam meros marginais, já parecem humanas. Deve-se levar em conta, no entanto, que nós os estamos vendo através da roda de uma bicicleta, ou seja, ainda há uma distância, uma espécie de filtro que nos separa desses tantos “+1 da Sul”.

Na seqüência, vemos a foto de um rapaz empinando uma moto (“Empinando o cavalo”, como indica a legenda da foto), o que, apesar de perigoso, é um dos meios de diversão que esses jovens da periferia têm. Aqui cabe também um paralelo com as drogas que, como o próprio autor diz através da fala de uma das personagens (sobre o crack), nos levantam, nos deixam “lá em cima”, mas, de repente, nós nos vemos caindo em um buraco que parece não ter saída. A queda do rapaz da moto, no caso desta foto, também poderia culminar em sua morte.

Logo abaixo, temos outra foto. Esta apresenta incrível semelhança com a foto da capa. A diferença, no entanto, está no fato de que, o menino da capa – provavelmente menor de idade, pela tarja preta de censura nos olhos – carrega uma arma na mão direita, mas com a esquerda parece se render (pois mostra a

palma da mão inteiramente aberta), enquanto nessa foto, embora também com os olhos cobertos (agora por um capuz), aponta (com um gesto que também nos remete a uma arma de fogo) para a favela como quem mostra o local em que vive, dizendo algo parecido com frase impressa ao lado da foto (“Me tomaram tudo, menos a rua.”)

A última foto desta seqüência já mostra uma parte da favela iluminada pela luz do sol, dando-nos, novamente uma breve panorâmica da vida naquele local, mas agora com um fundo de esperança, pois, se há luz do sol é porque é dia. Assim, como há este dia, haverá uma tarde, uma noite e tantos outros dias a se seguirem.

Essa análise será limitada ao primeiro conjunto de fotos no que se refere aos aspectos sociossemióticos, mas serão mencionadas algumas das fotos em preto e branco para que possamos tomar um ponto de vista ideológico em relação a elas e seus autores.

Analisando o trabalho de dois fotógrafos – Edu Lopes e Teresa Eça – para o livro, podemos ver traços da formação ideológica de cada um. Edu Lopes fotografa as pessoas, os “+1 da Sul”, e mostra o lado humano mais marginal e degradado da periferia. Ele mostra a pobreza que não é motivo de vergonha, pelo contrário, podemos ver claramente o orgulho dos jovens que, juntos, transmitem a mensagem de ter orgulho de ser “+1 da Sul”, como diz Cascão no prefácio da Segunda Parte (pp. 55-56).

Teresa Eça, por outro lado, retrata o lado mais triste da favela: a pobreza, a falta de saneamento e de condições básicas de vida. Suas fotos nos remetem incansavelmente ao trabalho de Sebastião Salgado, célebre por fotografar a pobreza e o fundo de esperança nela contida, exatamente como faz Teresa Eça, em uma fórmula que não surpreende muito. De um lado, a fotógrafa mostra a tragédia e, de outro, um quê de esperança estampado nos rostos das crianças (nas fotos em preto e branco).

O fato de eles terem escolhido ângulos diferentes de se mostrar a periferia é uma questão ideológica, pois eles o fizeram à luz das imagens que tinham construído previamente em suas mentes, à luz de sua formação ideológica.

Lembramos, no entanto, que nenhuma análise dessa espécie será exaustiva, pois há sempre outros elementos a serem levados e conta, dependendo da formação ideológica e discursiva de quem a realiza.

### 3. Considerações finais

Com base nos elementos expostos, pode-se concluir que a relação entre linguagem (tanto verbal quanto não-verbal) e ideologia é constante e que uma não pode ser certamente tomada por anterior à outra, assim como no eterno e aporético problema do ovo e da galinha.

A ideologia sempre permeia o discurso, ela está sempre presente na linguagem, pois toda nossa comunicação – da escolha do léxico à articulação das palavras – contém fortes elementos ideológicos. Isso acontece porque, durante nossa formação, aprendemos a usar os signos, o que equivale dizer que aprendemos a utilizar os (e a interagir a partir dos) complexos ideológicos e dos sistemas logonômicos em contextos específicos.

A linguagem que utilizamos é carregada de ideologia pelo simples fato de a linguagem que recebemos também o ser. A formação ideológica de um indivíduo está, portanto, estritamente relacionada (e muitas vezes até limitada) a sua formação discursiva.

Conclui-se, assim, que, para expressarmos qualquer tipo de ideologia, precisamos da linguagem (seja ela verbal ou não); e também que, para nos comunicarmos, mesmo sem a intenção de expor valores ideológicos, usamos a ideologia que existe *a priori* em nossa linguagem.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora UnB, 2001.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Critical discourse analysis*. London and New York: Longman, 1995.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Discourse and social change*. Cambridge: Polity Press, 1992.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Language and power*. London and New York: Longman, 1989.
- FERRÉZ. *Capão Pecado*. São Paulo: Labortexto Editorial, 2000.
- HODGE, Robert & KRESS, Gunther. *Social semiotics*. Cambridge: Polity Press, 1988.
- PEDRO, Emília Ribeiro. Análise crítica do discurso: aspectos teóricos, metodológicos e analíticos. In: *Análise Crítica do Discurso*. E.R. Pedro (org.). Lisboa: Caminho, 1997.
- VIAN JR. et alii. Linguagem e desigualdade social: análise crítica do discurso de *Capão Pecado*. *Intercâmbio* volume XIII. 2003.